

# Violências públicas contra jornalistas e meios de comunicação

## Introdução

### FLORENCE LE CAM

Professeure  
LaPIJ – ReSIC  
Université libre de Bruxelles  
Belgique  
Florence.Le.Cam@ulb.be

### FÁBIO HENRIQUE PEREIRA

Professor Associado  
Universidade de Brasília  
Brasil  
fabiop@gmail.com

### DENIS RUELLAN

Professeur  
GRIPIC- CELSA  
Sorbonne Université  
France  
denis.ruellan@sorbonne-universite.fr



As organizações internacionais de jornalistas, como a Federação Internacional de Jornalistas (FIJ) e Repórteres sem Fronteiras (RSF), constatam que as violências contra jornalistas estão em franca ascensão em todo o mundo. Anthony Bellanger, da FIJ, e Maria José Braga, da Federação Nacional de Jornalistas do Brasil, relatam esse fenômeno nas próximas páginas deste número. Jornalistas são morto/as, sequestrado/as, ferido/as, ameaçado/as, agredido/as, intimidado/as, assediado/as e insultado/as. Por seu trabalho, suas investigações, seu pertencimento a uma elite, sua ideologia política ou simplesmente por ser jornalista, representante dos *journalopes* ou das *merdias*<sup>1</sup>.

A violência contra jornalistas não é novidade. Ela reveste formas múltiplas ao longo das décadas: duras críticas à profissão, ataques e destruição de sedes de empresas de mídia, jornalistas considerada/os como moeda de troca ou meios de pressão em contextos de guerra, tensões políticas, econômicas ou mafiosas. O/As jornalistas de guerra são geralmente as vítimas mais midiáticas (Tumber, 2006), o que não deve ofuscar o conjunto das violências sofridas pelo/as jornalistas locais em zonas de conflito (Palmer, 2019) ou em investigações sobre os mundos fechados da máfia, das drogas ou das atividades econômicas ou políticas ilícitas. Essas violências públicas são listadas, catalogadas e denunciadas. Também são objeto de muitos trabalhos de pesquisa que analisam níveis variados de violência no

Pour citer cet article, to quote this article,  
para citar este artigo :

Florence Le Cam, Fábio Henrique Pereira, Denis Ruellan, « Violências públicas contra jornalistas e meios de comunicação », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 10, n°1 - 2021, 15 juin - june 15 - 15 de junho.  
URL : <http://www.surlejournalisme.com/rev>

Oriente Médio, América do Norte (González de Bustamante & Relly, 2016) e América Central (Benítez, 2017) ou mesmo na África (Frère, 2015). A profissão é de risco, e as violências contra jornalistas se desdobram em dimensões diversas (Brambila & Hughes, 2019). Algumas delas vão de encontro à liberdade de imprensa e à liberdade de expressão (Badran, 2017), e se tornaram ao longo do tempo uma questão global que afeta os direitos humanos (Relly & González de Bustamante, 2017). Outras formas de violência revelam diferenças de gênero (Sreberny, 2014) e raciais (Louback, 2018) na gestão e representação das violências, e são também, e mais importante, o reflexo de um contexto político e ideológico que as favorece ou pelo menos não as impede.

Nerone (2008) aponta uma série de fatores que podem explicar essas violências: sua importância na sociedade ou no sistema político (normas culturais), o nível de profissionalização dos meios de comunicação e do/as jornalistas (normas profissionais), e a forma como as ações violentas são úteis e utilizadas para influenciar a opinião pública. O autor argumenta que essas violências sempre comportam uma forte dimensão simbólica, que pode ser central para aquele/as que a proporcionam. Esses perigos no exercício da profissão são geralmente abordados através de dois prismas: por um lado, por meio de reflexões sobre a segurança do/as jornalistas em certas áreas territoriais (para o mundo árabe, por exemplo, ver Hard, 2019), no estudo das medidas de avaliação dos riscos (Torsner, 2017) ou na forma de ensinar as regras de segurança às/aos jovens jornalistas em formação (ver o trabalho sobre o Paquistão de Jamil, 2018); por outro lado, por meio da denúncia pública da violência contra jornalistas e de operações de solidariedade coletiva internacional que, tal como o projeto *Forbidden Stories*<sup>2</sup>, insistem em continuar as investigações de jornalistas morto/as no campo e que, assim, são silenciado/as (Konow-Lund & Olsson, 2020).

Internamente, em redações e grupos profissionais de jornalistas, a questão das violências também chama a atenção, pois permite uma certa reflexividade sobre as condições de trabalho e de exercício da profissão e sobre a percepção que o/as jornalistas têm, coletivamente, de sua autonomia (González de Bustamante & Relly, 2016b). E, acima de tudo, sobre a imagem pública que ele/as carregam, transmitem e constroem coletivamente. Assim, as violências sofridas pelo/as jornalistas durante as manifestações fazem com que ele/as questionem frontalmente a representação do público sobre o seu trabalho. O movimento dos Coletes Amarelos na França, por exemplo, trouxe à tona as críticas do público (Sebbah et al, 2018) e provocou reflexões sobre as práticas profissionais e como elas afetam a representação do público quanto ao ecossistema da mídia e ao trabalho de informação (Joux,

2019). De fato, a agressividade de alguns públicos em relação ao/as jornalistas é relativamente comum. É o que Fang (2017) explica no contexto da China, ao tratar da cobertura das questões de saúde. O autor insiste que, para além dos modos de repressão estatal sofrida pelo/as jornalistas, este/as enfrentam pressões e ameaças das fontes, bem como das audiências, que tendem a culpabilizá-los pelos problemas sociais do momento. Em contextos de forte polarização política, como foi o caso das últimas eleições presidenciais no Brasil, jornalistas são vítimas de violência digital de ativistas e partidos políticos por meio de *bots* e falsos perfis nas redes sociais digitais (Ramos & Saad, 2020).

Esse conjunto de violências tem se ampliado nos últimos anos e circula on-line. Em alguns países, a primeira manifestação dessas violências é a vigilância do/as jornalistas por parte das autoridades. Mas o fenômeno é mais amplo, envolvendo um deslocamento das ameaças físicas ao/as jornalistas no campo para ameaças on-line, tais como o *hackeamento* de seus computadores, sua geolocalização ou a revelação pública de alguns de seus dados pessoais<sup>3</sup>. A questão atualmente em debate e amplamente divulgada nos últimos anos é o discurso de ódio antijornalista e antimídia e o assédio on-line ao/as profissionais. Em vários eventos em países muito distintos, o/as jornalistas relatam violências on-line significativas. Em seu trabalho sobre jornalistas sueco/as, Löfren Nillson e Ornebring (2016) revelam que um terço do/as entrevistado/as de sua pesquisa vivenciou um aumento e uma diversificação do assédio, e sofreu consequências relacionadas a essas formas de intimidação. Mostram ainda que essas violências podem ser consideradas como ameaças à mídia enquanto instituição, uma vez que o/as jornalistas são frequentemente atacado/as por seu status profissional, e não por representar uma certa ideologia ou grupo cultural, por exemplo. Ainda assim, apontam formas de assédio diretamente relacionadas às questões de imigração, de defesa de uma sociedade multicultural e de igualdade de gênero. “Readers’ comments, social media, and email, in this sense, represent platforms where different forms of cyberbullying can be used as tactics to force the media to include what is perceived as excluded ideas and groups” (Löfren Nillson & Ornebring, 2016: 888). Essa pressão, que pode ser qualificada de ideológica, está muitas vezes associada - como é o caso na França - a ataques que extrapolam o trabalho jornalístico, envolvendo um posicionamento mais radical geralmente associado à extrema direita (Mercier e Amigo, 2021).

Mas o assédio on-line não pode ser reduzido a pressões políticas ou ideológicas. É também altamente personalizado. As mulheres jornalistas, dos chamados grupos minorizados, ou aquele/as que trabalham com questões da pauta da extrema direita são o/as mais afetado/as, e essas práticas acarretam formas de cen-

sura popular e coletiva (Waisbord, 2020). As mulheres jornalistas são as mais afetadas por essas violências (Posetti & Storm, 2018). Muitos estudos acadêmicos recentes sobre o ciberassédio e as relações com o público (Lewis, Zamith & Coddington, 2020), incluindo as jornalistas esportivas (Everbach, 2018; Antunovic, 2019), revelam que se trata de um movimento transnacional generalizado (Chen et al, 2020). Essas formas de violência que emanam dos públicos e das fontes vêm sendo denunciadas por mulheres jornalistas, a exemplo do documentário recém-lançado na Bélgica, #Sale pute, sobre o assédio on-line de mulheres da mídia. Mas essas denúncias ainda são poucas se considerarmos o número de mulheres jornalistas que, por conta dessas violências, abandonam as redes sociais ou mudam de área de atuação.

A essas violências públicas devem se somar - e este será o tema de um próximo número da revista *Sur le journalisme-About Journalism-Sobre jornalismo* - as violências organizacionais sofridas pelo/as jornalistas dentro das próprias redações. Mais uma vez, são violências de várias naturezas: hierárquicas, estatutárias, econômicas, relacionais, relativas à carreira, ao gênero, à orientação sexual, à origem, à deficiência. O presente número sobre as violências públicas contra jornalistas e contra a mídia não busca focar nas condições diárias de trabalho, mas questionar o sentido dessas violências. Ainda que se considerem e sejam considerado/as centrais para a manutenção da democracia e para o vínculo entre as notícias e o que o público sabe e percebe delas, a/os jornalistas vêm sendo alvo de críticas há muito tempo. Mas hoje as violências on-line e físicas parecem ter se tornado uma poderosa ferramenta política para construir e desconstruir realidades, ou pelo menos perturbá-las. Em um texto sucinto, Reilly, Veneti e Lilleker (2020<sup>4</sup>) expressam sua preocupação

com o aumento da violência contra jornalistas fotógrafo/as, cinegrafistas e jornalistas negro/as durante a cobertura dos protestos #BlackLivesMatter e apontam para a responsabilidade direta de Donald Trump, então presidente, por meio de seus recorrentes ataques à imprensa, e pelo silêncio do/as representantes dos outros partidos. Todas as formas de polarização política (vemos o efeito disso no Brasil, por exemplo, em Rios & Bronosky, 2019) acarretam o aumento das ações violentas contra a mídia, como sinal de protesto; o/as jornalistas tornam-se alvos designados, adversários (às vezes de todas as naturezas). A esse contexto político de permissividade da violência (por exemplo, o uso da violência pelo Estado em Blazquez, 2020) somam-se os contextos econômicos de vulnerabilidade de muitos grupos sociais e uma representação amplamente compartilhada quanto a um estado de incertezas, riscos e ameaças (ambientais e outros). Nesse contexto, a prática jornalística está sujeita à violência porque o mundo da mídia não apenas a revela (às vezes excessivamente), mas também a produz. A invisibilidade de certas temáticas, de certas pessoas, a escolha de palavras e expressões para qualificar fatos ou realidades, o hibridismo das formas de jornalismo e os status jornalísticos contribuem para uma produção da violência por parte da mídia. Ela seleciona, exclui e às vezes maltrata. Para se pensar as violências públicas contra a mídia e o/as jornalistas, é preciso apreender a relação dialética entre vítima e carrasco. Nesse sentido, se o jornalismo é violentado, ele contribui para provocar violência, mas também para afastar ou refrear certas formas de violência. Esta edição temática da revista é uma modesta tentativa de explorar algumas dessas pistas.

---

Tradução : Sabine Gorovitz

## NOTES

<sup>1</sup> Nota do tradutor: jouranlopes = junção de “journalistes” + “salopes”; merdias = “merda” + “médias” (em português, algo como: vadias e merdias).

<sup>2</sup> <https://forbiddenstories.org/fr/>

<sup>3</sup> Henrichsen, J. R., Betz, M., & Lisosky, J. M. (2015). Building digital safety for journalism: A survey of selected issues. UNESCO Publishing.

<sup>4</sup> Reilly, P., Veneti, A., & Lilleker, D. (2020). Violence against journalists is not new, but attacks on those covering# BlackLivesMatter protests is a bad sign for US press freedom. USApp-American Politics and Policy Blog. [http://eprints.lse.ac.uk/105538/1/usappblog\\_2020\\_06\\_12\\_violence\\_against\\_journalists\\_is\\_not\\_new\\_but.pdf](http://eprints.lse.ac.uk/105538/1/usappblog_2020_06_12_violence_against_journalists_is_not_new_but.pdf)

## BIBLIOGRAFIA

---

- Antunovic, D. (2019). "We wouldn't say it to their faces": online harassment, women sports journalists, and feminism. *Feminist Media Studies*, 19(3), 428-442.
- Badran, M. (2017). Violence against journalists: suppressing media freedom. In *Digital Transformation in Journalism and News Media* (pp. 417-427). Springer, Cham.
- Benítez, J. L. (2017). Violence against journalists in the Northern Triangle of Central America. *Media Asia*, 44(1), 61-65.
- Blazquez, A. (2020). Désirs de justice, attente de l'État et recours à la violence. *État et société politique*, 105.
- Brambila, J. A., & Hughes, S. (2019). Violence against journalists. *The international encyclopedia of journalism studies*, 1-9.
- Chen, G. M., Pain, P., Chen, V. Y., Mekelburg, M., Springer, N., & Troger, F. (2020). 'You really have to have a thick skin': A cross-cultural perspective on how online harassment influences female journalists. *Journalism*, 21(7), 877-895.
- Everbach, T. (2018). "I realized it was about them... not me": Women sports journalists and harassment. In *Mediating misogyny* (pp. 131-149). Palgrave Macmillan, Cham.
- Fang, K. (2017). "Guard against fire, theft, and journalists": the public against the press in China. *Media Asia*, 44(1), 55-60.
- Frère, M. S. (2015). Journaliste en Afrique: métier à risque et risques pour le métier. *Du risque en Afrique. Terrains et perspectives*, Paris, Karthala, 132-153.
- González de Bustamante, C., & Relly, J. E. (2016). The practice and study of journalism in zones of violence in Latin America: Mexico as a case study. *Journal of Applied Journalism & Media Studies*, 5(1), 51-69.
- González de Bustamante, C., & Relly, J. E. (2016b). Professionalism under threat of violence: Journalism, reflexivity, and the potential for collective professional autonomy in northern Mexico. *Journalism Studies*, 17(6), 684-702.
- Harb, Z. (2019). Challenges facing Arab journalism, freedom, safety and economic security. *Journalism*, 20(1), 110-113.
- Jamil, S. (2018). Freedom of expression and threats to journalists' safety: an analysis of conflict reporting in journalism education in Pakistan. *Journalism*, 6(2).
- Joux, A. (2019). Des journalistes pas comme les autres. *Les Cahiers du numérique*, 15(3), 29-52.
- Konow-Lund, M., & Olsson, E. K. (2020). Cross-Border Investigative Collaboration on the Surviving Stories: The Forbidden Stories. In *Critical Incidents in Journalism* (pp. 191-202). Routledge.
- Lewis, S. C., Zamith, R., & Coddington, M. (2020). Online harassment and its implications for the journalist-audience relationship. *Digital Journalism*, 8(8), 1047-1067.
- Louback, A. C. S. (2018). *Jornalistas negras no Rio de Janeiro: trajetórias de vida e narrativas de resistência diante do racismo*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro : CEFET-RJ. Disponível em: [http://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/102\\_Andreia%20Coutinho%20da%20Silva%20Louback.pdf](http://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/102_Andreia%20Coutinho%20da%20Silva%20Louback.pdf)
- Mercier, A., & Amigo, L. (2021). Tweets injurieux et haineux contre les journalistes et les «merdias». *Mots. Les langages du politique*, (125), 73-91.
- Nerone, J. (2008). Violence against Journalists. *The International Encyclopedia of Communication*.
- Palmer, L. (2019). *The fixers: Local news workers and the underground labor of international reporting*. Oxford University Press.
- Posetti, J., & Storm, H. (2018). Violence Against Women Journalists—Online and Offline. *Setting the Gender Agenda for Communication Policy: New Proposals from the Global Alliance on Media and Gender*, 75-86.
- Ramos, D. O. & Saad, E. Violência digital contra jornalistas: o caso das eleições presidenciais de 2018. Actes du XXIX Encontro Anual da Compós. Campo Grande : UFMS/Compós. Disponível em: [http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos\\_arquivo\\_GF08O9WXJ33HGJ5QGZ69\\_30\\_8278\\_13\\_02\\_2020\\_18\\_52\\_07.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_GF08O9WXJ33HGJ5QGZ69_30_8278_13_02_2020_18_52_07.pdf)
- Relly, J. E., & González de Bustamante, C. (2017). Global and domestic networks advancing prospects for institutional and social change: the collective action response to violence against journalists. *Journalism & Communication Monographs*, 19(2), 84-152.
- Rios, A., & Bronosky, M. (2019). Violência contra jornalistas, ameaça à sociedade. *Mosaico*, 11(17), 86-103.
- Sebbah, B., Loubère, L., Souillard, N., Thiong-Kay, L., & Smyrniaios, N. (2018). Les Gilets jaunes se font une place dans les médias et l'agenda politique. *Rapport de recherche Lerass*.
- Sreberny, A. (2014). Violence against women journalists. *Media and Gender: A Scholarly Alliance for the Global Alliance on Media and Gender*, 35-39.
- Tumber, H. (2006). The fear of living dangerously: Journalists who report on conflict. *International Relations*, 20(4), 439-451.
- Torsner, S. (2017). Measuring journalism safety. Methodological challenges.
- Waisbord, S. (2020). Mob censorship: Online harassment of US journalists in times of digital hate and populism. *Digital Journalism*, 8(8), 1030-1046.